

UMA VIDA PARA A *PRÁXIS*: APONTAMENTOS SOBRE O PENSAMENTO POLÍTICO DE ROSA LUXEMBURGO

FELIPE ALVES DA SILVA¹

RESUMO: O pensamento político de Rosa Luxemburgo teve grande importância para a esquerda política e o pensamento socialista revolucionário. Crítica feroz à burocracia que dominava os partidos alemães no contexto na qual estava inserida - limitando o acesso das massas a eles -, militou em favor da espontaneidade e emancipação da classe trabalhadora, de forma que pudessem participar diretamente das questões políticas, sendo visível a absoluta coerência entre o que defendia na teoria e a sua vida prática. Ainda que não se tenha por finalidade esgotar a temática, buscar-se-á, mediante o presente trabalho, apresentar um pouco sobre o seu pensamento político.

PALAVRAS-CHAVE: Rosa Luxemburgo. Política. Emancipação. Teoria e prática.

INTRODUÇÃO

Rosa Luxemburgo desempenhou um papel crucial na Alemanha e seu pensamento político ainda se mostra de grande valia nos dias atuais. Considerada como de suma importância para a esquerda política e uma das mentes mais importantes do pensamento socialista revolucionário, ela foi uma das principais líderes do Partido Social-democrata Alemão (SPD)² e do movimento Espartaquista. Entretanto, não se limitou a isso, superando inúmeras dificuldades que variam desde enfermidades físicas a preconceitos pelo fato de ser mulher em um mundo marcadamente masculino, fazendo-se ouvir e ser respeitada em um período hostil às vozes femininas.

Dirigindo-se em prol das massas, defendia ferozmente a participação direta da classe trabalhadora nas deliberações políticas, tecendo inúmeras críticas inclusive aos líderes do partido social-democrata alemão, militando no sentido de desburocratizar as organizações e

¹ Graduando em Direito pela Faculdade Cidade Verde (FCV/Maringá) e Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Integrante do Grupo de Estudos Schmittianos (RIES/FCV), vinculado à Rede Internacional de Estudos Schmittianos. Email: felipedasilva.eb@gmail.com

² O SPD (*Sozialdemokratische Partei Deutschlands*) fora unificado em 1875 ao antigo SDAP (*Sozialdemokratische Arbeiterpartei Deutschlands*).

descentralização destas, de forma que as massas pudessem participar autônoma e espontaneamente nas questões políticas. Buscava, em última instância, a emancipação da classe trabalhadora, e o partido político detinha grande importância nesse quesito, pois sua função era a de justamente “esclarecer, explicar, precisamente porque o partido tinha, no entender de Rosa, a visão de conjunto do desenvolvimento capitalista e do lugar que a classe trabalhadora ocupava nesse processo” (LOUREIRO, 2001, p. 89).

Tinha plena consciência de que para o ser humano realizar-se por completo seria necessária uma sociedade justa, pacífica e igualitária, que para ela seria uma comunidade humana autêntica, representando de fato o que entendia por socialismo (LOUREIRO, 2005, p. 28). Só através da revolução que seria alcançado esse objetivo, por isso militou em favor da ação revolucionária espontânea das massas, havendo certa primazia de sua parte pela *práxis*, isto é, uma busca incessante pela coerência entre o que era defendido na teoria e o que era colocado em prática. Buscou-se, mediante o presente trabalho, apresentar, ainda que minimamente, um pouco sobre essa figura singular e muito à frente de seu tempo, que lutou até as últimas consequências pela classe trabalhadora e cujo pensamento político perdura até a atualidade.

A ROSA VERMELHA DO SOCIALISMO O DESPERTAR POLÍTICO DE ROSA LUXEMBURGO

Luxemburgo nasceu em 5 de março de 1870, em Zamosch, na Polônia. Em 1889, já com 19 anos e, em muito por causa de sua agitação revolucionária, se vê obrigada a deixar seu país natal e ir para Zurique, na Suíça, pois se tivesse permanecido na Polônia, certamente teria sido presa por suas opiniões políticas. No exterior, Luxemburgo continuou a estudar e - em um período de extrema dificuldade para qualquer mulher - concluiu em 1898 seu doutorado em economia.

Foi casada durante 15 anos com Leo Jogiches, rompendo em definitivo o casamento em 1907, ao passo em que vai se tornando independente e respeitada tanto no campo teórico quanto no campo político. Com o rompimento, Rosa passa a se relacionar com Costia Zetkin, filho de sua amiga Clara Zetkin, 13 anos mais novo que ela, algo que não era bem visto e que rompia as barreiras do que era considerado “comum” para o período.

Enquanto estava em Zurique, ela conheceu muitos revolucionários exilados da Rússia, que, na ocasião, focavam na questão do que pensavam que deveria acontecer à Polônia, ou seja, se a Polônia deveria ou não ser autônoma. Luxemburgo foi contra isso, pois acreditava que um

estado recém-criado era fraco, logo, em desvantagem, deixando brecha para que a burguesia usasse essa fraqueza nacional para a sua vantagem, de forma a fortalecer seu domínio sobre os trabalhadores. Seu ponto de vista foi contestado por muitos e, como resultado, Luxemburgo formou, em 1894, o Partido Social-Democrata polonês junto de Leo Jogiches, companheiro de exílio.

Em 1898, resolve deixar Zurique, pois esta começa a se tornar calma e pequena demais para sua personalidade agitada, seguindo para Berlim onde se juntou ao Partido Social-Democrata Alemão. Luxemburgo se insere na esfera do debate e, em 1900, produz sua obra *Reforma social ou Revolução?*, voltando-se contra o revisionismo marxista de Bernstein e desafiando sua autoridade ao compará-lo a um radical burguês. Com isso, se torna respeitada e reconhecida dentro do partido.

Ela apoiou e militou por reformas, sempre buscando melhorar a vida das pessoas, mas não se limitava a isso, pois tinha por finalidade, em última instância, promover uma revolução completa dos sistemas governamentais, levando-a a afirmar que a “luta pela reforma é o meio e a revolução é o fim” (LOUREIRO, 2005, p. 16). Ela viu a Revolução Russa, de 1905, como um bom sinal de esperança, como pontua Loureiro (1995, p. 35):

Pode-se dizer que a revolução de 1905, a primeira de que participou ainda que por pouco tempo, permaneceu para Rosa como modelo da revolução proletária. “Os meses passados na Rússia, os mais felizes da minha vida” (*GW2*, p. 177) e a reflexão a seguir permitem-lhe elaborar algumas das ideias centrais do seu pensamento político: a democracia só se realiza plenamente na revolução, por ser um processo em que as massas participam abertamente, agindo de maneira autônoma e criativa. As massas, e não o partido social-democrata, são o sujeito da história. O partido é apenas um fator entre muitos, no desenrolar do processo histórico.

Ao eclodir da guerra em 1914, a qual ela fora abertamente contra, irritou-se com o Partido Social-Democrata, que tinha totalmente apoiado a entrada da Alemanha na guerra. Eventualmente ela deixaria o SPD e se aliaria a Karl Liebknecht, que compartilhava dos mesmos pontos de vista e também havia deixado o SPD por descontentamentos similares. Eles formaram o denominado “Grupo Internationale” que se tornaria posteriormente os Espartaquistas. Sua principal defesa durante a Primeira Guerra foi a de que os soldados alemães virassem suas armas contra seus oficiais e depois contra o governo a fim de derrubá-lo. Tanto Rosa Luxemburgo quanto Liebknecht foram presos por suas atividades políticas, ela logo após um violento discurso contra a guerra e o imperialismo em 1915.

O PENSAMENTO POLÍTICO DE ROSA: COERÊNCIA ENTRE A TEORIA E PRÁTICA

Enquanto estava na prisão, Luxemburgo escreveu a obra *A crise da social-democracia*, com o pseudônimo de “Junius”, que viria a conter as bases das crenças Espartaquistas. Em 1916, é libertada da prisão e continua com seus trabalhos revolucionários, o que acarretaria em uma nova prisão seis meses depois, que perpetuaria até o final de 1918.

Em um apontamento acerca do pensamento político de Rosa, Isabel Loureiro brilhantemente destaca:

A partir de 1914, há uma guinada no pensamento de Rosa. O viés determinista que por vezes aparecia é profundamente abalado com a adesão da social-democracia e dos proletariados nacionais à guerra imperialista. Numa época de crise para o socialismo, como foram os anos da primeira guerra mundial, época de refluxo dos ideais revolucionários, a “experiência histórica” passa a ser fundamental. É preciso que as massas tomem consciência e façam a crítica de seus erros e ilusões para que a humanidade se emancipe. Em 1914, esses erros e ilusões consistiam na adesão à guerra imperialista e no conseqüente abandono do programa internacionalista da social-democracia. Escreve Rosa:

“Os seus erros [do proletariado] são tão gigantescos quanto as suas tarefas. Não há esquema prévio, válido de uma vez por todas, não há guia infalível para lhe mostrar o caminho a percorrer. A experiência histórica é seu único mestre. O caminho espinhoso da sua autolibertação não só está juncado de sofrimentos sem limites, mas também de inúmeros erros. (...) A moderna classe operária paga caro toda compreensão da sua missão histórica. O Gólgota da sua libertação está pavimentado de terríveis sacrifícios. (...) Parecemo-nos verdadeiramente com aqueles judeus que Moisés conduziu através do deserto. Mas não estamos perdidos e venceremos, se não tivermos desaprendido a aprender”. (LOUREIRO, 1997, p. 48)

Há, em Rosa Luxemburgo, a noção de que a participação ativa das massas seria a base de qualquer processo político, além de ser essencial para qualquer processo revolucionário. Existe uma grande preocupação de sua parte no que se refere à questão da autonomia popular. Seu pensamento é marcadamente voltado para a *práxis*, a qual nota-se a defesa e a importância de que a teoria corresponda à prática, não poupando críticas inclusive – ou exclusivamente – aos “companheiros” do próprio partido socialdemocrata. Tem-se de fato a vinculação entre teoria e prática ao dotar as massas de autonomia e incentivar a auto formação do indivíduo, de modo que ele tenha as condições de, por si só, reconhecer sua condição e se tornar um sujeito revolucionário. Acerca do colocado, Isabel Loureiro comenta:

Na sua *Introdução à economia política*, recorde-se, há e não há, ao mesmo tempo, uma defesa das culturas primitivas. Os povos primitivos têm, de certa forma, algo a ensinar-nos: o comunismo, a vida harmônica em sociedade. Assim como as massas russas incultas, que ainda não tiveram seu poderoso instinto revolucionário reprimido por nenhuma organização burocrática, ensinam ao ocidente a revolução proletária. Ou seja, para Luxemburg [...] não existe nenhuma separação intransponível entre o primitivo, o inculto, o inconsciente, o desorganizado e o seu contrário. O espontâneo, o natural, ainda não moldado pela cultura, numa viagem em que dá adeus às ilusões, alcança a consciência, desaliena-se. Em outras palavras, as massas elementares tomam-se conscientes no próprio processo da sua formação como classe. Nele adquirem consciência da sua situação de espoliadas e passam à ação revolucionária, tornando-se sujeitos conscientes da história.

É pois a autoformação do sujeito revolucionário que permite a vinculação entre a teoria e a prática. Em outras palavras, a forma de passar da teoria à prática consiste na consciência de classe (latente, teórica e que se torna prática nos momentos revolucionários), encarnada, não no partido, como quer Lukács, mas na própria classe, com as suas múltiplas formas de expressão. Segundo a autora, portanto, *a classe em si torna-se progressivamente classe para si, ou seja, o proletariado consciente é resultado da sua própria experiência, num processo incluindo erros e derrotas.* (LOUREIRO, 1995, p. 72, grifo nosso)

Vale ressaltar que são notórias as constantes críticas de Luxemburgo aos fenômenos burocráticos que regiam os movimentos em geral, fazendo com que sua contribuição seja ainda mais valorizada e merecedora de respeito. Maurício Tragtenberg (1991, p. 43), um grande apreciador da obra de Luxemburgo e um genuíno autodidata, sobre esse ponto em específico, argumenta de forma belíssima:

No caso de Rosa, o importante é a absoluta coerência entre meios e fins, entre vida e discurso, coisa rara nos dias que correm. Nos dias que correm, como diz Maquiavel, vemos discurso de leão; e depois esse pessoal radical, ante o poder, assume forma de raposa. É o jogo do leão e da raposa. Pode-se ter um discurso de leão ante os estudantes e um discurso de raposa ante um reitor de uma universidade ou um ministro de Estado, porque poder é poder.

Um dado central, patrimônio do movimento socialista em geral, é a exigência da coerência entre discurso e prática. Não é possível ser altamente avançado como homem público, mas bater na esposa e escravizar os filhos na vida privada. O que se é na vida privada é a base do que se vai ser na vida pública. Não há dúvida de que um tirano nas relações diretas procurará, nas posições de poder na vida pública, tyrannizar os outros. É importante em Rosa Luxemburg essa exigência de coerência até quase desumana, terrível, entre o discurso, a existência e a prática política. Esse é um produto que está fazendo falta no mercado da esquerda mundial. Creio que o que domina é muitas vezes o contrário: a pessoa é muito libertária na vida pública, ante o grande público, mas na esfera de relações diretas é altamente **tirânica**.

É preciso ressaltar que somente a prática em si não é suficiente, sendo necessária também a teoria, porque no fundo ambas se complementam, porém, como Karl Korsch, em sua obra “Marxismo e Filosofia”, argumenta, havia certo “desprezo da maioria dos teóricos marxistas da Segunda Internacional para com todos os problemas filosóficos” (KORSCH, 2008, p. 45), tornando a problemática mais difícil de trabalhar, uma vez que tanto os marxistas ortodoxos quanto os não marxistas não reconheciam a importância do caráter filosófico na obra de Marx e Engels. Aliás, Korsch também chama a atenção e critica o fato de algumas pessoas agirem publicamente como marxistas, porém no âmbito privado não mantêm ou não defende a mesma posição, isto é, não mantêm uma coerência entre o discurso proferido e a prática cotidiana.

Ora, Korsch critica Luxemburgo no aspecto supracitado, qual seja de primazia à prática e o desprezo, de certa maneira, ao caráter filosófico da obra de Marx e Engels. No decorrer de sua obra, Korsch chama a atenção dizendo que no período em que foi

disseminado, o marxismo não possuía um caráter revolucionário a ser devidamente cumprido na prática. Ressalta, inclusive, que, por grande parte dos marxistas ortodoxos e revisionistas, como é o caso de Rosa Luxemburgo, os problemas revolucionários deixaram de existir no plano teórico enquanto problema do mundo real. No início do século XX, argumenta Korsch, “a questão da revolução social retorna à ordem do dia em toda a sua dimensão e com toda a sua significação concreta” (KORSCH, 2008, p. 44), reformulando a teoria de modo a promover a restauração do marxismo. Nesse sentido, pontua:

Não é difícil compreender por que esta nova transformação da teoria marxista se efetuou e se efetua ainda sob a cobertura ideológica do retorno à doutrina autêntica do marxismo original, bem como apreender, para além do aspecto ideológico, o verdadeiro significado de toda essa operação. Neste domínio, teóricos como Rosa Luxemburg, na Alemanha, e Lenin, na Rússia, na realidade não fizeram e não fazem mais do que responder às exigências práticas do novo período revolucionário da luta de classes, rejeitando as tradições paralisantes do marxismo socialdemocrata do segundo período, que pressionam “como um pesadelo” as próprias massas operárias, cuja situação social e econômica, objetivamente revolucionária, já há muito não corresponde àquelas doutrinas evolucionistas. Explica-se, pois, o aparente ressurgimento da teoria marxista original na Terceira Internacional simplesmente porque, numa nova época revolucionária, não apenas o movimento proletário, mas também as concepções teóricas dos comunistas, que constituem a sua expressão teórica, devem revestir expressamente uma forma revolucionária. É por isto que hoje vemos reviver importantes partes do sistema marxista que pareciam esquecidas no fim do século XIX. Esta situação permite também compreender o contexto em que, meses antes da Revolução de Outubro, o cérebro da revolução proletária na Rússia escreveu uma obra cuja tarefa, nas suas palavras, era, “em primeiro lugar, restabelecer a autêntica doutrina de Marx sobre o Estado”. Os próprios acontecimentos tinham colocado na ordem do dia, no plano prático, o problema da ditadura do proletariado; que Lenin, num momento decisivo, tenha feito o mesmo no plano teórico, foi o primeiro signo de que então se retomava conscientemente a relação interna que o marxismo revolucionário estabelece entre teoria e prática. (KORSCH, 2008, p. 44-45)

Para Luxemburgo, seria na luta, na prática que a classe trabalhadora seria forjada, e não por meio de representantes fajutos que, agindo unicamente em prol de seus próprios interesses, se mostravam como travestidos de representatividade da classe operária prontos e capazes de defendê-los. Era preciso preparar as massas e reconhecer o poder que possuíam, e não revestir tão-somente esses “representantes” da classe que se mostravam em desacordo com a realidade dos trabalhadores. Rosa Luxemburgo buscava, então, colocar as massas no centro do debate, como destaca Loureiro (1997, p. 47):

[...] ao dar às massas desorganizadas, isto é, ao instinto de classe um papel central, Rosa mostra-as como o elemento livre da história, não tendo uma dependência imediata da *Aufklärung*, do partido e da “ciência” marxista. Ou seja, ao mesmo tempo em que aparecem ligadas à “lógica do processo histórico objetivo”, elas inventam, são autônomas, criadoras, livres. Liberdade e democracia mantêm assim uma relação intrínseca com o conceito de massas. Este é um fio condutor do seu pensamento político [...].

Ainda nessa linha, cumpre destacar a presente fala de Luxemburgo, em seu texto *O que quer a Liga Spartakus?*, sobre o discorrido previamente:

A luta pelo socialismo é a mais prodigiosa guerra civil conhecida até hoje pela história do mundo, e a revolução proletária deve-se preparar para ela com os instrumentos necessários, precisa aprender a utilizá-los – para lutar e vencer. Munir assim a massa compacta do povo trabalhador da totalidade do poder político, para que realize as tarefas da revolução, eis a ditadura do proletariado e, portanto, a verdadeira democracia. Não há democracia quando o escravo assalariado se senta ao lado do capitalista, o proletário agrícola ao lado do *Junker*, numa igualdade falaciosa, para debater seus problemas vitais de forma parlamentar. Mas quando a massa dos milhões de proletários empunha com sua mão calosa a totalidade do poder do Estado, tal o deus Thor com seu martelo, para arremessa-lo à cabeça das classes dominantes, só então haverá uma democracia que não sirva para lograr o povo. (LUXEMBURGO, 1991, p. 105)

Dentre várias críticas à burocracia por parte de Rosa, Isabel Loureiro chama a atenção para uma delas direcionada a Lenin, em 1904:

Em 1904 ela publica um artigo polemizando com Lenin, “Questões de organização da social-democracia russa”. Nesse texto, questiona o centralismo da concepção leninista de partido-vanguarda formado por revolucionários profissionais. Para Rosa, as direções têm um papel secundário a desempenhar na elaboração da tática revolucionária, ou seja, esta é muito mais fruto da ação espontânea das massas do que invenção dos dirigentes. Rosa teme que essa concepção centralizadora de Lenin mate a vida do partido russo, um partido jovem que está começando, que está nascendo. Teme que um partido dirigido por intelectuais se transforme numa burocracia autônoma dominando as massas operárias. Esse artigo foi muito importante para a esquerda anti-stalinista. [...] Rosa fazia uma crítica de dentro, uma crítica pela esquerda: ela tinha medo do centralismo, de que o partido se burocratizasse. (LOUREIRO, 2001, p. 88)

Loureiro destaca, ainda, que o principal lema que Rosa carregava consistia em um verso do *Fausto*, de Goethe, que dizia “no princípio era a ação” – “In principio era l’Azione!” –, pois “aquilo que considerava fundamental era justamente a ação espontânea das massas, a única coisa que podia se opor à burocratização das organizações” (LOUREIRO, 2001, p. 88). Enfim, defendia a ação direta das massas, tecendo inúmeras críticas inclusive à liderança do partido social-democrata alemão (SPD). Sobre os dilemas da centralização e da descentralização burocrática, Rosa Luxemburgo salienta:

Em geral, pode-se demonstrar com facilidade que, em certas circunstâncias, quando a parte revolucionária da massa operária ainda está desorganizada e o próprio movimento hesita, numa palavra, quando se encontra em condições semelhantes às da Rússia atual, a tendência organizatória adequada aos intelectuais oportunistas é justamente o centralismo rígido, despótico. Tal como, em contrapartida, numa fase posterior – na situação parlamentar e face a um partido operário forte, solidamente constituído –, a *descentralização* torna-se a tendência apropriada ao intelectual oportunista.

Assim, precisamente do ponto de vista dos temores de Lenin em relação à perigosa influência da *intelligentsia* sobre o movimento proletário, a sua própria concepção organizatória constitui o maior perigo para a socialdemocracia russa.

De fato, nada entrega mais segura e facilmente um movimento operário ainda jovem à sede de poder dos intelectuais, quanto confiná-lo na couraça de um centralismo burocrático, que degrada o operário de todos os abusos oportunistas por parte de uma *intelligentsia* ambiciosa quanto a atividade revolucionária autônoma do operariado, quanto o fortalecimento do seu sentimento de responsabilidade política. (LUXEMBURGO, 1991, p. 55)

Não há um consenso se Rosa Luxemburgo poderia ou não ser considerada uma feminista, mas ao analisar todo o contexto em que vivera e tudo pelo que lutou e defendeu, fica clara a sua contribuição para a luta das mulheres, de modo a haver uma maior participação na esfera política. Num período em que a participação feminina se mostrava como de difícil aceitação, Rosa advogou em defesa da participação autônoma das massas nas deliberações políticas, bem como conquistou grandes feitos na esfera do debate teórico. Sobre sua contribuição para o feminismo, Isabel Loureiro (2012, s/p) ressalta:

Rosa [...] não tinha nenhuma inclinação especial para a clandestinidade, as seitas revolucionárias, o segredo; grande oradora e jornalista, o seu era um combate público contra todas as formas de opressão, tanto social quanto individual. E é como militante política, como combatente na arena pública, que Rosa enfrenta - e vence intelectualmente - os preconceitos arraigados na socialdemocracia alemã. Nessa medida, ela rompe com o tradicional papel feminino de esposa e mãe, ou mesmo, num outro patamar, de secretária do marido. Não podemos esquecer que ela sofre de vários handicaps para a ultraconservadora Alemanha da época - é mulher, judia, polonesa e revolucionária.

Ao ser libertada em 1918, ela imediatamente retomou suas atividades revolucionárias. Em dezembro desse mesmo ano, foi a co-fundadora do Partido Comunista Alemão (KPD), essencialmente constituído por Espartaquistas.

Neste momento, a chamada revolução alemã³ estava ocorrendo e Berlim era um lugar muito perigoso para se estar. O chefe do governo da recém-formada República de Weimar, Friedrich Ebert, deixara os membros das unidades paramilitares dos Corpos Livres (*Freikorps*) incumbidos de lidar com os comunistas ou qualquer outro grupo que ousasse ameaçar o governo instaurado, com base no torpe “Pacto Ebert-Groener”, em que o “general Groener ofereceu a Ebert o apoio do Exército se Ebert adotasse um curso moderado e suprimisse movimentos de conselho mais radicais” (FULBROOK, 2012, p. 174).

Pouco tempo depois da queda da monarquia, Luxemburgo faz um estudo sobre a transição ocorrida, concluindo que a mudança fora única e exclusivamente política, ou seja, “uma troca de homens no poder, sem nenhuma mudança estrutural” (LOUREIRO, 1995, p.

³ A revolução estava diretamente relacionada ao descontentamento geral no que concerne aos caminhos resultantes do conflito - que perdurara por muito mais tempo do que o previsto - e o impacto econômico e social provenientes da guerra que assolaria a população alemã. Apesar de, em detrimento da Revolução, acontecer a passagem do Império para a República, havia uma grande parcela dos alemães que via a nova forma governamental como uma decadência, devendo, portanto, ser combatida a todo custo.

142). Não foram adotadas medidas que visassem de fato o socialismo. Pelo contrário, pois a burguesia continuava no poder e o governo de coalizão formado em Weimar entre o SPD e o USPD procurava “por todos os meios acalmá-la, não ameaçando a propriedade privada nem as relações capitalistas” (LOUREIRO, 1995, p. 142).

Sobre a passagem do regime imperial para o governo republicano e as situações de agitação tanto por parte da direita quanto da esquerda, Mary Fulbrook ressalta:

A proclamação de uma República não sufocou a insatisfação. Em Berlim, em janeiro de 1919, foram suprimidos pelo Exército e pelas unidades dos Corpos Livres (*Freikorps* - grupos voluntários financiados pela indústria e organizados pelo Exército) novos levantes, e assassinados alguns de seus líderes, como Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. Isso provocou o aumento da hostilidade e ressentimento dos críticos de esquerda do SPD. A divisão entre socialistas moderados e radicais sobreviveria até o colapso da democracia Weimar, quando os comunistas viam os Socialdemocratas como um mal maior até do que os nazistas. Por toda a Alemanha na primeira metade de 1919 parecia que os Socialdemocratas contavam com forças da antiga ordem para suprimir as iniciativas a favor da nova. (FULBROOK, 2012, p. 175)

No período final que precede a queda da monarquia, Berlin estava em demasiada agitação, consistindo num dos momentos mais sangrentos de toda a revolução. Ora, como Rosa presava em muito pela noção de coerência entre a teoria e a prática, ao invés de fugir - como era recomendável diante da circunstância em que estava - a fim de “preservar-se para futuras batalhas, resolveu ficar ao lado das massas insurretas e sofrer o mesmo destino que elas” (LOUREIRO, 2001, p. 91). Em 15 de janeiro de 1919, Luxemburgo e Liebknecht foram detidos por mercenários⁴ e, posteriormente, brutalmente assassinados por seus captores. Aliás, vale ressaltar que o assassinato de ambos teve apoio - ao menos passivo - da socialdemocracia, não havendo qualquer condenação, não havendo esclarecimento quanto ao fato até o presente momento. O corpo de Luxemburgo foi encontrado em um rio tempos depois. Sobre a sua chocante morte e o constrangimento - se é que se pode qualificar assim - a qual era submetida constantemente, Isabel Loureiro reforça:

Os ataques contra a mulher começaram cedo no ambiente machista da esquerda da época, que temia sua independência de espírito e sua língua mordaz: o socialista austríaco Victor Adler chamou-a de “idiota venenosa”; quando ela foi nomeada redatora-chefe de um importante jornal socialdemocrata e enfrentou quase uma rebelião dos colegas jornalistas que duvidavam de sua competência pelo fato de ser mulher; seus companheiros de partido ao se referirem a ela falavam em “materialismo histérico”; para Lênin, Rosa era uma águia que ocasionalmente voava mais baixo que uma galinha. Seus assassinos fizeram questão de vilipendí-la como mulher: depois de espancada, levou um tiro na cabeça, foi enrolada em arame

⁴ Após o término da guerra, os militares sobreviventes não conseguiam se reinserir na vida civil da Alemanha destruída pelo conflito - tanto do ponto de vista econômico quanto social, haja vista as imposições do Tratado de Versalhes e a vergonha da derrota -, formando grupos de veteranos mercenários (*Freikorps*) que seriam usados pelo governo de modo a combater os comunistas.

farpado e jogada nas águas do canal Landwehr. Só pôde ser enterrada meses mais tarde, numa cerimônia acompanhada por milhares de pessoas, quando o corpo, quase irreconhecível, foi identificado a duras penas por sua secretária Mathilde Jacob. (LOUREIRO, 2012, p. 01)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para alguns, é considerada uma revolucionária incendiária, para outros um ícone da esquerda, porém o que se tem de fato é que Rosa Luxemburgo (1871-1919) continua a fazer presença no panorama política atual e nas questões concernentes a sua luta incessante em prol de maior participação, emancipação da classe trabalhadora e valorização da ação direta das massas.

Rosa se esforçou para criar uma sociedade na qual a liberdade e igualdade política não seria limitada, mas sim complementada e incentivada ainda mais. Sabia o que significava estar dentre os desfavorecidos e de pertencer a uma minoria muitas vezes perseguida, em parte devido ao destino, que a colocou entre as maiores revolucionárias da história, e à sua forte e incessante vontade de levar uma vida autodeterminada em oposição a todos que respeitavam as convenções e conceitos morais vigentes na época.

O título do presente trabalho foi escolhido deliberadamente buscando demonstrar, ou ao menos introduzir, essa figura singular que dedicou praticamente toda sua vida em defesa não só das mulheres, mas de todos os trabalhadores. Numa época em que a participação feminina na política - ou em qualquer outro meio predominantemente masculino - era ínfimo, Rosa ultrapassou todos as limitações impostas e entrou para a história como uma grande figura na luta por melhores condições para a classe trabalhadora. Viveu, sem dúvida alguma, para e pela revolução. Cabe a nós lembrarmos de sua contribuição e nos dedicarmos para que a chama da revolução continue acesa, e que, com autodeterminação, possamos continuar a luta pela emancipação das massas que ela introduziu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA SILVA, Antônio Ozaí. O dilema da Social-Democracia (2) - Reforma e Revolução: Bernstein, Rosa Luxemburgo e Karl Kautsky. *Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 10, n. 118, mar, p. 123-130, 2011.

FULBROOK, Mary. *História Concisa da Alemanha*. Tradução de Bárbara Duarte. Bauru: Edipro, 2012.

GURGEL, Telma. Feminismos no Brasil contemporâneo: apontamentos críticos e desafios organizativos. *Temporalis*, Brasília, v. 1, n. 27, p. 57-76, jan./jun., 2014.

KORSCH, Karl. **Marxismo e filosofia**. Apresentação e tradução José Paulo Netto. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

LOUREIRO, Isabel. **Democracia e socialismo em Rosa Luxemburgo**. *Crítica Marxista*, v. 1, 1997. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo234_Isabel.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2016.

LOUREIRO, Isabel. Rosa Luxemburgo: judia, polonesa, socialista, revolucionária... também feminista? **Revista Fórum Semanal**, São Paulo, fev. 2012. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/digital/48/rosa-luxemburg-judia-polonesa-socialista-revolucionaria-tambem-feminista-2/>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

_____. **Rosa Luxemburgo: os dilemas da ação revolucionária**. São Paulo: UNESP, 1995.

_____. **Rosa Luxemburgo: vida e obra**. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

_____. Rosa Luxemburg e Marcuse, segundo Maurício Tragtenberg. *In: SILVA, Doris Accioly; MARRACH, Sonia Alem (Orgs.). Maurício Tragtenberg: uma vida para as ciências humanas*. São Paulo: UNESP, 2001. p. 85-96.

LUXEMBURGO, Rosa. **A revolução russa**. Introdução, tradução e notas de rodapé: Isabel Maria Loureiro. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

ROTOLO, Tatiana de Macedo Soares. **Autonomia popular e socialismo democrático em Rosa Luxemburg**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao_5/Tatiana_Rotolo.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2016.

TRAGTEMBERG, Maurício. Rosa Luxemburg e a crítica dos fenômenos burocráticos. *In: VIGEVANI, Tullo; LOUREIRO, Isabel (Org.). Rosa Luxemburg: a recusa da alienação*. São Paulo: UNESP, 1991.

A LIFE FOR THE PRAXIS: NOTES ON THE POLITICAL THOUGHT OF ROSA LUXEMBURG

ABSTRACT: Rosa Luxemburg's political thought is considered very important for the left-wings politics and the revolutionary socialist thought. Against the bureaucracy that dominated parties – limiting access of the masses to them –, fiercely militated in favor of spontaneity and emancipation of the working class, so that they could participate directly in political issues. It's visible the coherence between what defended in theory and in its practical life. Although not have intended to exhaust the subject, this work pretends to show some of her political thought.

KEYWORDS: Rosa Luxemburg. Politic. Emancipation. Theory and practice.

RECEBIDO EM: 11.05.2017

ACEITO EM: 03.09.2017

Revista Idealogando, v. 1, n. 2, p. 23-33, nov, 2017.